

THE HISTORY OF THE UNITED STATES

CHAPTER I

The first part of the history of the United States is the story of the early settlers. These men and women came from Europe and Africa to seek a better life in a new world. They found a land of opportunity and freedom, but they also found a land of hardship and struggle. The early settlers were pioneers, and their lives were filled with challenges and adventures.

The early settlers were pioneers, and their lives were filled with challenges and adventures. They were the first to explore the vast continent of North America, and they were the first to establish permanent settlements. Their courage and determination were the foundation of the United States. They were the first to plant the seeds of a new nation, and their legacy lives on in the hearts and minds of all Americans.

The early settlers were pioneers, and their lives were filled with challenges and adventures. They were the first to explore the vast continent of North America, and they were the first to establish permanent settlements. Their courage and determination were the foundation of the United States. They were the first to plant the seeds of a new nation, and their legacy lives on in the hearts and minds of all Americans.

Medalhão à brasileira

Maria Zilda Ferreira Cury

Resumo

No texto "Teoria do Medalhão", de Machado de Assis, constrói-se, através do diálogo entre pai e filho, toda uma teoria de formação da classe dominante, com vistas à manutenção do poder. Simultaneamente, faz-se o crítico ao universo do favor que caracteriza as possibilidades de ascensão num quadro autoritário como o que define a sociedade brasileira de finais do século XIX.

Abstract

On the text "Teoria do Medalhão", by Machado de Assis, it is built, through a dialogue between father and son, a theory of formation of the ruling class, with a view to maintaining the power simultaneously, a criticism is made the universe of favor that characterizes the possibilities of social climbing in an authoritarian frame such as the one that defines the Brazilian society of the closing of the XIX Century.

Em "Teoria do Medalhão", Machado de Assis constrói diálogo entre pai e filho, por ocasião da entrada do último na maioridade, edificando ironicamente uma teoria do poder através do detalhamento dos passos para o alcance do domínio de classe. Com o diálogo, expõe-se a retórica que, osso a osso, recobre o poder:

*Vinte e um anos, meu rapaz, formam apenas a primeira sílaba do nosso destino*¹.

É retórica a entrada na maioridade: a letra, o diploma, a apólice. O pai aconselha o jovem a abraçar o ofício de medalhão, o único apropriado àquele que almeja ascender socialmente. Ao ofício de medalhão servem todas as profissões, desde que no espectro das apropriadas às camadas dominantes, aí incluídas a política e a magistratura, a indústria e as letras. O medalhão é o exterior a que o estofado é indiferente, já que se vive no interior de uma cultura política alimentada de aparências:

Mas qualquer que seja a profissão da tua escolha, o meu desejo é que te faças grande e ilustre, ou pelo menos notável, que te levantes acima da obscuridade comum. (p. 101-102)

"Teoria do Medalhão" faz parte dos *Papéis Avulsos*, coletânea de textos datada de 1882. Está-se, portanto, nos finais do Império, no interior de uma estruturação social baseada no domínio das elites agrárias e às portas da República, forma de governo que pouco alterou a configuração social do país.

Em mais de um momento, Machado denunciaria em seus textos a manutenção da velha ordem social na República nascente. Por exemplo, em *Esau e Jacó*, banaliza a permuta das posições políticas entre os gêmeos Pedro e Paulo, indicando a indiferença da escolha no interior da vida partidária brasileira, quando, ironicamente, restringe a passagem para a República como mero problema de troca de tabuleta em casa comercial. Também aí Machado analisa a impossibilidade de mudança social, limitando-a a uma questão exterior, de rótulo, de aparência apenas. Ainda que já apresentando certos remanejamentos no interior das próprias elites em função da crise do tráfico de escravos - sustentáculos do Império -, e da cada vez maior implementação da cafeicultura - alicerce do Partido Republicano -, a mobilidade social é difícil na sociedade brasileira da época, ou, para usar a expressão de Fábio Lucas, ela é viscosa².

Essa viscosidade marcaria, sobremaneira, as minguadas possibilidades de ascensão social. É o que expõe o pai ao filho:

A vida, Janjão, é uma enorme loteria; os prêmios são poucos, os malogrados são inúmeros, e com os

suspiros de uma geração é que se amassam as esperanças de outra. Isto é a vida; não há planger, nem imprecar, mas acelerar as coisas integralmente com seus ônus e percalços, glórias e desdouros, e ir por diante. (p. 102)

Do fatalismo da estratificação social só se escapa pela sorte, ou melhor, pela consciência de que se está num jogo de cartas marcadas e do qual se devem extrair as regras.

Viscosidade e fatalismo caracterizam a subida na sociedade alicerçando-se na especificidade do liberalismo brasileiro, teoria que tinha, simultânea e contraditoriamente, de conviver e dar base a uma sociedade colonial e escravista.

O grupo que se assentou no poder, desde a Independência, era representante dos interesses dos proprietários de terra, representantes, portanto, da economia agrário-exportadora, necessitada do braço escravo e interessada na manutenção das estruturas produtivas e sociais de exclusão.

É com base nessa realidade que se forma a retórica liberal brasileira. Um liberalismo que, no Império, se apresentava como elitista, uma vez que é a teoria liberal que simultaneamente encobre e dá suporte ideológico à marginalização de amplos setores da população dos processos econômico e político.

Esse mesmo liberalismo ligado a tais estruturas assegura o clientelismo, a estrutura de favor de que, mais de uma vez, Machado foi crítico ferino. Nada mais anti-liberal ou contrário aos princípios do liberalismo clássico do que sua coexistência com o favor e com o clientelismo, expressões de uma mobilidade social escorregadia e encobridora de real e rígida exclusão.

O liberalismo à brasileira situa-se no interior da dinâmica contraditória entre o Mesmo e o Outro em que - no lugar e respondendo a uma realidade concretamente estruturada - as idéias do liberalismo europeu cumprem função de sustentação ideológica:

Está claro que as transformações que marcam o século XIX acabaram por afetar a teoria e a prática liberais, na Europa e no Brasil. Já na primeira metade do século XIX, o liberalismo vinha sendo posto em cheque na Europa, quando setores mais críticos, porta-vozes de grupos excluídos, perceberam que a nobreza - oligarquia de sangue - foi sendo substituída pela burguesia - oligarquia do capital.

Se o liberalismo, gradativamente, perdeu no Brasil sua função revolucionária, ocultando retoricamente - sob um discurso

universalizante - uma prática que servia apenas à minoria, essa mesma prática vai propiciando as denúncias dos limites do pensamento liberal e definindo condições para sua crítica.

O período em que Machado escreve "Teoria do Medalhão" assiste ao ressurgimento do liberalismo mais consciente e à denúncia do vazio de suas fórmulas. Junto a uma geração de intelectuais mais críticos, vai elaborando rupturas no interior da linguagem da retórica dominante, roendo-lhe a pele de lugares-comuns e pondo-lhe a nu a ossatura através de uma nova maneira de dizer, pela ironia, as relações sociais.

Muitas vezes acusado de desengajado, engaja-se duplamente o escritor - por exemplo, no seu posicionamento frente à questão da Abolição. Na alforria de Prudêncio, escravo de Brás Cubas, não vê a liberdade como queria fazer crer a retórica dos abolicionistas da época. O ex-escravo consegue a posse de outro, único caminho livre numa sociedade escravocrata.

A postura machadiana situa-se como radicalmente crítica à estrutura do liberalismo brasileiro, acenando com a possibilidade de encenação de uma contra-linguagem.

A palavra medalhão e sua etimologia farão o corte ideológico que aqui proponho, levantando alguns pontos do texto machadiano.

A palavra foi formada a partir do aumentativo de medalha que, hipoteticamente, seria derivada do latim med(i)ália, de mediális, "meio, dinheiro" (...) ³.

Sua primeira acepção, registrada pelo Aurélio ⁴, nos remete a esse aumentativo: medalhão é uma placa de metal, comemorativa, com a efigie de alguém importante. Um segundo significado, ligado à arquitetura, foi usado pelo próprio Machado em *Dom Casmurro*: "(...) ao centro das paredes os medalhões de César, Augusto e Massinissa". Aí medalhão é o ornato circular de edifícios suntuosos. Não é casual a figura de Massinissa no medalhão, condizente com o clima de dissimulação e astúcia ligados à personagem feminina de Capitu ⁵, nem o seria a intenção de Machado no emprego da palavra nesse contexto: Esse significado da palavra medalhão como ornato já aponta para seu colega figurado e depreciativo, ou seja, figurão, indivíduo sem valor, mas guindado a posições relevantes jeitosamente conseguidas. Figurativamente, a palavra comporta a associação do valor econômico de moeda, referente ao metal, ao valor simbólico de *mérito*, de vencedor mas, depreciativamente ligado apenas a uma exterioridade.

Também o personagem de Machado almeja circular pela tessitura social, como uma moeda:

Uma notícia traz outra; cinco, dez, vinte vezes põe teu nome ante os olhos do mundo. Comissões ou deputações para felicitar um agraciado, um benemérito, um forasteiro, têm sido singulares merecimentos, e assim as irmandades e associações diversas, sejam mitológicas, cinegéticas ou coreográficas. Os sucessos de certa ordem, embora de pouca monta, podem ser trazidos a lume, contanto que ponham em relevo a tua pessoa. Explico-me. Se caíres de um carro, sem outro dano, além do susto, é útil mandá-lo dizer aos quatro ventos, não pelo fato em si, que é insignificante, mas pelo efeito de recordar um nome caro às afeições gerais. (p.110)

Do francês médailon, recebemos a palavra medalhão como bife ou qualquer peça de peixe, patê, lagosta ou presunto, mas apresentada sob a forma circular, de moeda⁹. Esses significados apontam para a figura do medalhão cunhada no texto para quem seriam indiferentes a profissão escolhida e a aquisição de saber, para quem seriam proibidos o cultivo de idéias e o estofamento intelectual, para quem se faria necessário exclusivamente o adestramento na busca do efeito e da retórica do saber livresco, do adorno, da frase feita.

Começa nesse dia a tua fase de ornamento indispensável, de figura obrigada, de rótulo.(p. 112)

A etimologia da palavra guarda também relação com o substantivo medium designando o lugar para onde tudo converge, o público, resvalando, assim, para uma significação de lugar em evidência.

Na atuação do homem público brasileiro, desejoso de prestígio não há moralidade na ação; o que conta é a submissão absoluta às receitas da arte de iludir.

Diz o pai:

Não te falei ainda dos benefícios da publicidade. A publicidade é uma dona loureira e senhoria, que tu deves requestar à força de pequenos mimos, confettos,

almofadinhas, coisas miúdas, que antes exprimem a constância do afeto do que o atrevimento e a ambição. Que D. Quixote solicite os favores dela mediante ações heróicas ou custosas, é um sestro próprio desse ilustre lunático. O verdadeiro medalhão tem outra política. Longe de inventar um Tratado científico da criação dos carneiros, compra um carneiro e dá-o aos amigos sob forma de um jantar, cuja notícia não pode ser indiferente aos seus concidadãos. (p. 109-110)

Através da estrutura viciadamente privatizada do universo do favor, sob a capa da coisa pública, trabalha-se a publicidade individual.

Medalhão relaciona-se também ao adjetivo *medius* com o significado daquele que está no meio, que é ambíguo, medíocre⁷.

Assim, medalhão é o que está em evidência, que aparece mas é medíocre, que retoricamente é trabalhado como imagem para o exercício do poder. Mobilidade contraditoriamente forjada no interior do liberalismo à brasileira.

Todas essas acepções têm em comum o caráter de exterioridade. No texto de Machado, encontram-se ligadas ao adestramento teatral da persona social, numa pedagogia da construção gradativa do homem bem sucedido, da exibição burguesa em que se esmerava a persuasão da classe dominante do final do Império.

O próprio postulante a medalhão deve encarnar, como se fora uma vitrine, a idéia mesma do exibicionismo burguês, de uma classe que se dá à cena e se constrói, retoricamente, como personagem principal.

Aconselha o pai ao filho:

As livrarias, ou por causa da atmosfera do lugar ou por qualquer outra razão que me escapa, não são propícias ao nosso fim; e, não obstante, há grande conveniência em entrar por elas, de quando em quando, não digo às ocultas, mas às escâncaras. (p. 106)

E mais:

Se esse dia é um dia de glória ou regozilho, não vejo que possas, decentemente, recusar um lugar à mesa aos repórteres dos jornais. Em todo o caso, se as

obrigações desses cidadãos os retiverem noutra parte, podes ajudá-los de certa maneira, redigindo tu mesmo a notícia da festa; e, dado que por um tal ou qual escrúpulo, allés desculpável, não queiras com a própria mão anexar ao teu nome os qualificativos dignos dele, incumbe a notícia a algum amigo ou parente. (p.111)

Essa pedagogia de formação do medalhão é construída sob forma do diálogo. Nesse sentido relaciona-se a uma outra pedagogia - a socrática - que foi a primeira filosofia consciente de si mesma porque ciente dos métodos que empregava. Tal qual a maiêutica socrática, também a teoria do medalhão é exposta com a consciência metodológica dos passos que dá.

A forma e o conteúdo do diálogo socrático, como mostrou Bakhtin, é aberta porque, nela, a tarefa de indagar apenas se interrompe, nunca se dá por acabada, sempre busca continuar encontrando dificuldades e interrogações na última definição dada. Não é casual o nome de maiêutica dado à ESTA filosofia, atentando-se para a sua significação ligada à arte de partejar e Sócrates sendo o parteiro da verdade sempre inconclusa. A discussão socrática visava à formação do homem político e a ciência da linguagem era o instrumento apto para qualificar todos os que queriam se tornar chefes. Porém, através da discussão, se procurava chegar à idéia de Bem. Assim, para além da associação entre Saber e Poder, visava-se à formação do cidadão e do dirigente no respeito à coisa pública.

Assim, Sócrates trouxe para a linguagem - para a palavra mais viva do que a escrita - a vida prática da mais fina cidade grega, considerando-a na sua totalidade, e não sob o aspecto da eficácia imediata, como os oradores, gramáticos e sofistas. O Logos inscrevia-se na ordem do século. Sócrates fez entrar na linguagem razoável e no discurso coerente até às contradições da praxis, os problemas políticos e as incoerências da opinião dos cidadãos. Os filósofos ensinaram-lhe o poder do Logos, os outros ensinaram-lhe os perigos e as fraquezas dele⁸.

No caso da "Teoria do Medalhão", no entanto, ainda que sob a forma aparentemente aberta do diálogo, o discurso e a formação de uma pedagogia do poder se constroem no universo de fórmulas

fechadas à réplica. É a retórica que pavimentará o terreno para o medalhão:

Melhor do que tudo isso, porém, que afinal não passa de mero adorno, são frases feitas, as locuções convencionais, as fórmulas consagradas pelos anos, incrustadas na memória individual e pública. Essas fórmulas têm a vantagem de não obrigar os outros a um esforço inútil. (p.107)

E ainda:

(...) o mesmo ofício te irá ensinando os elementos dessa arte difícil de pensar o pensado. (p. 107)

É o império do lugar-comum, é o domínio da retórica do imperativo, da assertiva. O filho simplesmente concorda, e se pergunta, o faz retoricamente apenas. A forma dialógica é somente propiciadora de espaço para o desenvolvimento dos preceitos repertoriados pelo pai que detém as conclusões desde a formulação das premissas. E o objetivo, diferentemente do que visa o método socrático, é apontar o caminho do bem (com minúscula, individual, ou melhor, de classe).

Ao desmontar com ironia a pedagogia liberal da formação do dominante, inscreve-se Machado no interior da crítica que vinha sendo elaborada por setores mais conscientes da intelectualidade, colocada diante das contradições do modelo político brasileiro.

Assim, justifica-se que a fala paterna construa seu fecho reportando-se a Maquiavel:

Guardadas as proporções, a conversa desta noite vale o Príncipe de Machiavelli. (p. 115)

Também Maquiavel, em *O Príncipe*, elabora explicitamente uma pedagogia do poder, indicando o caminho através do qual os variados grupos políticos em geral podem renovar-se conservando-se ou conservar-se renovando-se. Também ele se preocupa com a eficácia das regras de governar, independentemente do seu caráter moral ou imoral.

Maquiavel é mais lembrado como o filósofo *dos fins que justificam os meios*. No entanto, sua pedagogia política exerce um

papel desmistificador no que se refere a colocar por terra, como mostra Marilena Chauí⁹, as concepções clássicas e cristãs sobre o bom governante, ou sobre a origem natural, racional ou divina do poder.

Maquiavel dirige-se aos que *não sabem*, aos que ele pretende educar politicamente.

Como bem lembra Gramsci, pode-se supor, erroneamente, que Maquiavel esteja se dirigindo preferencialmente aos dominantes. Mas:

*Quem nasceu na tradição dos homens de governo, absorvendo todo o complexo da educação do ambiente familiar, no qual predominam os interesses dinásticos ou patrimoniais, adquire quase automaticamente as características do político realista*¹⁰.

Quem então não sabe? A quem, então, se dirige Maquiavel? À classe revolucionária da Itália da época, que poderia, via conscientização dos mecanismos de poder, responder-lhe com efetivas propostas de mudanças políticas e sociais.

Igualmente Machado, ao desmontar a retórica da formação da classe dominante, não é certamente a ela que se dirige, mas a um interlocutor a quem a desmistificação da pedagogia do poder possa politicamente interessar. O autor, como um Maquiavel do século XIX, desmonta em "Teoria do Medalhão" a pedagogia liberal da classe dominante do final do Império no Brasil, adiantando-se em alguns anos à crítica mais explícita feita em *O Ateneu* de Raul Pompéia.

Com sua "Teoria do Medalhão" constrói verdadeira didascália. Se na Antiga Grécia a didascália englobava os preceitos e instruções relativas à interpretação teatral, aqui ela preceitua e desmascara, numa linguagem que pela desconstrução também se dá em espetáculo de bastidores ela preceituando e desmascarando a *almaquiagem* necessária à *persona* social da classe no poder.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ASSIS, Machado de. *Teoria do Medalhão*. In: *Papéis Avulsos*. São Paulo, Editora Mérito, 1959. Todas as outras citações do texto machadiano foram tiradas desta edição e apenas terão mencionadas suas páginas no corpo do trabalho.
2. LUCAS, Fábio. *A Condição Feminina de Capitu* - Separata da Revista *Numen*, ano 1, n.1, 1989.
3. CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p.509.
4. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1.ed. (4a impressão) Rio de Janeiro, Nova Fronteira, p. 909.
5. Cf. LUCAS, Fábio. Op. cit., p.11.
6. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Op. cit., p.909.
7. TORRINHA, Francisco. *Dicionário Latino Português*. 2. ed. Porto, Gráficos Reunidos Ltda., 1982.
8. LEFEBVRE, Henri. *Introdução à Modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969, p.8.
9. CHAUÍ, Marilena. *Filosofia Moderna*. In: CHAUÍ et al. *Primeira Filosofia : Lições Introdutórias*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
10. GRAMSCI, Antonio. *Maquiavel, a Política e o Estado Moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p. 11.